

Foi realizada recentemente na cidade de Zagreb a apresentação de um livro com textos escolhidos de Luka Brajnovic, obra de Matila Kolic-Stanic, o evento foi uma homenagem ao autor croata na sua própria terra natal, de onde fugiu às pressas no início de 1945, ao ser perseguido por ser jornalista e escritor católico.

A esposa Ana Tijan, e a filha Elica, que era um bebê de apenas quatro meses, não conseguiram fugir com ele e as circunstâncias políticas fizeram que somente doze anos depois voltassem a se reencontrar. Enquanto isso, Luka Brajnovic conheceu o Opus Dei quando estava refugiado na Cidade do Vaticano em 1946 e foi uma das primeiras pessoas casadas a pedir a admissão. Após muitas tentativas, conseguiu reunir a sua família em outubro de 1956, em Munique.

Em 1960, incorporou-se ao corpo docente da Escola de Jornalismo da Universidade de Navarra, instituição a qual dedicou a sua vida a partir de então. Também trabalhou como colunista de política internacional no Jornal de Navarra e publicou manuais, novelas e livros de poemas.

História de um encontro

Foi precisamente Elica Brajnovic de Leahy, filha mais velha do “dom Luka” (como era chamado pelos alunos), a porta-voz da família no ato de homenagem, que ocorreu no Salão Dourado do Instituto de História e Artes da Croácia, no centro histórico da Cidade de Zagreb.

Ela contou para uma plateia lotada – onde se encontravam o Embaixador da Espanha na Croácia e representantes dos ministérios croatas de Assuntos Exteriores e da Cultura, entre outras autoridades – como foi a experiência de conhecer o

pai aos 12 anos, na plataforma empoeirada de uma estação alemã do pós-guerra.

Contou como seu pai perdoou sempre e ensinou os filhos a perdoar. Entre várias lembranças, descreveu quando foi aprisionado pelas guerrilhas comunistas em 1943, que decidiram fuzilá-lo e chegou a escavar o próprio tumulo. Apareceu então um guerrilheiro e gritou “O camarada jornalista, fora!”. Desamarraram o “*dom Luka*” na linha de condenados e ele libertou-se da sentença de morte. *Dom Luka* rezou por aquele guerrilheiro, pelos que haviam sido fuzilados e pelos executores todos os dias da sua vida.

Em 1997, quando foi a Zagreb para receber um prêmio e realizar uma conferência na Universidade da cidade, *dom Luka* ficou muito doente e mal conseguia sair do quarto do hotel. As pessoas iam cumprimentá-

lo. Um dia apareceu um idoso e disse-lhe: “Eu sou o guerrilheiro que tirou *dom Luka* da linha de fuzilamento”. Os dois se abraçaram. “Continuou rezando por ele até o seu último dia”, contou Elica.

A favor da liberdade

A sua história tem atraído um interesse considerável na mídia recentemente. Enfatizaram a sua posição contrária a todo tipo de totalitarismos e a sua capacidade de perdoar, além das suas conquistas no mundo do jornalismo, literatura e ensino. Um exemplo disso foi a tradução da Bíblia ao croata e de outras obras de espiritualidade, como os escritos de São Josemaria.

A história é contada no livro “Servir a verdade”, organizado pela professora Matilda Kolic-Stanic. O livro está composto por 22 textos escritos por Luka Brajnovic durante seu exílio, fragmentos do seu manual

de ética jornalística e artigos jornalísticos traduzidos do espanhol ao croata. É o primeiro passo para divulgar o trabalho do autor ao público do seu país.

Esta professora, compatriota de Luka Brajnovic, conheceu o supernumerário através de suas obras nas aulas de Ética Profissional da Comunicação na Universidade Pontifícia da Santa Cruz, onde ministra aulas um discípulo de *dom Luka* que foi seu assistente na cátedra de Deontologia Jornalística da Universidade de Navarra. O interesse que despertaram seus ensinamentos e o testemunho na unidade de vida levou a professora a descobrir a sua vida e os seus ensinamentos para divulgá-lo na terra natal.
